



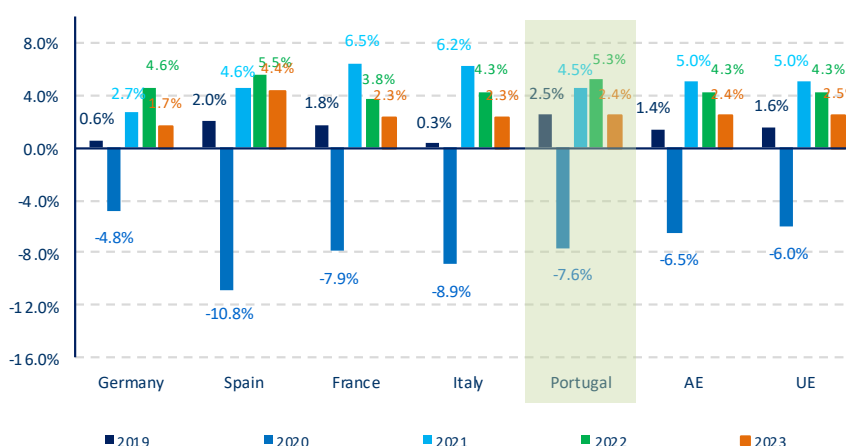
Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Comissão Europeia. Nas **Previsões Económicas do Outono de 2021**, a Comissão Europeia estima um crescimento real de 5.0% do PIB na Área Euro, uma melhoria face às anteriores, divulgadas no verão. Projeta para os anos seguintes uma moderação face ao ritmo de expansão atual: 4.3% em 2022 e 2.4% em 2023. O crescimento dos preços foi revisto em alta, apesar de ter sido conservado o perfil de abrandamento nos próximos anos. Em 2021, a inflação será de 2.4%, diminuindo para 2.2% e 1.4% em 2022 e 2023. Não obstante, os riscos permanecem em sentido ascendente, caso a inflação seja mais persistente que o esperado. Para Portugal, a revisão do crescimento do PIB foi em alta para os dois anos, passando de 3.9% para 4.5% em 2021 e de 5.1% para 5.3% em 2022. Para 2023, a expectativa é de 2.4%.

European Commission: GDP annual growth projections (%)



Source: European Commission, Autumn Forecast 2021

Portugal. Segundo o INE, as **exportações e as importações de bens** registaram um crescimento homólogo de 10.3% e 17.5% em setembro de 2021, após 16.9% e 21.9% em agosto. Em relação a setembro de 2019, observaram-se variações de 10.8% e 7.8%. Nos nove primeiros meses de 2021 verificou-se um acréscimo das exportações em 20.1%, relativamente a 2020, e de 4.8%, face a 2019, o que compara com o incremento das importações de 18.1% em 2020, mas um decréscimo de 1.5% em relação ao ano pré-pandemia. No mesmo período, salientam-se as subidas das exportações de bens de *Fornecimentos industriais* (+9.4% (2019), +26.3% (2020)) e a diminuição na categoria de *Material de transporte*, com um valor positivo de 13.3% face ao ano anterior, mas negativo perante o mesmo período de 2019. Em setembro, o défice da balança comercial de bens aumentou €559 milhões relativamente ao mês homólogo, fixando-se em €1719 milhões. No período entre janeiro e setembro de 2021, o défice comercial foi de €12,1 mil milhões, superior ao ano anterior (€10.9 mil milhões) mas inferior a igual período de 2019 (€15.3 mil milhões). Entre os principais países parceiros, salienta-se o aumento das exportações (25.5%) e importações (21.0%) com destino e provenientes de Espanha.

O **Volume de Negócios na Indústria** registou uma variação homóloga de 11.6% em setembro, uma moderação de 2.2 p.p. ao face ao mês precedente. Os índices relativos ao mercado nacional e ao mercado externo apresentaram variações de 8.3% e 16.2%, após 11.5% e 17.6% em agosto. O índice

de **volume de negócios nos serviços** registou uma variação homóloga de 13.0% em setembro, mais 2.1 p.p. do que em agosto.

Área Euro. O Indicador de **confiança dos gestores de carteira (ZEW)** subiu 4.9 pontos, fixando-se em 25.9 em novembro, o que representa uma recuperação face ao mínimo desde março de 2020 observado no mês anterior. O indicador da situação económica atual caiu 4.3 pontos, fixando-se em 11.6. A **produção industrial** diminuiu em cadeia 0.2% em setembro, após -1.7% no mês precedente. Entre os diversos países, as variações situaram-se entre 5.3% da Estónia e -5.0% na Dinamarca. Portugal registou um acréscimo de 1.7%, uma melhoria em relação aos -1.9% em agosto.

Reino Unido. A economia registou um crescimento do **PIB** de 1.3%, em cadeia, no terceiro trimestre, inferior aos 5.5% nos três meses anteriores. O setor dos serviços no total teve um contributo de 1.3 p.p., devido à maior flexibilização das restrições e a reabertura da economia. Os principais contributos vieram dos setores que registaram uma maior queda durante a pandemia, como foi o caso do alojamento e restauração (crescimento de 30%), artes e recreação (19.6%) e saúde (3.5%). O consumo privado aumentou 2.0%, refletindo a contínua atenuação das restrições associadas à pandemia. O investimento cresceu de forma mais moderada, com uma variação em cadeia de 0.4% para o investimento empresarial, mantendo-se ainda significativamente abaixo do nível pré-pandemia (-12.4%). As exportações de bens e serviços diminuíram 1.9%, enquanto as importações totais cresceram 2.5%, em função de uma subida nas importações de bens, em particular combustíveis e químicos. A economia encontra-se agora a 2.1% abaixo do valor pré-pandemia.

EUA. O número de pedidos **primários de subsídio de desemprego** registou um decréscimo para 267 mil na semana que terminou a 6 de novembro, após 271 mil no período anterior, o que representa o número mais baixo de pedidos de subsídio de desemprego desde que o início da pandemia a março de 2020. O número de **vagas de emprego** diminuiu 191 mil, para 10.4 milhões em setembro. As vagas de emprego aumentaram sobretudo nos cuidados de saúde e assistência social (+141 mil) e no governo estatal e local excluindo a educação (+114 mil), compensando as reduções na educação do governo estatal e local (-114 mil) e outros serviços (-104 mil). Segundo o indicador da *Universidade de Michigan*, o **sentimento dos consumidores** caiu de 71.1 para 66.8 pontos em novembro, a leitura mais baixa desde novembro de 2011. Tanto o indicador das condições atuais (73.2), como das expectativas (62.8), desceram. As expectativas de inflação para o ano seguinte subiram para 4.9%, enquanto para os próximos cinco anos mantiveram-se em 2.9%.

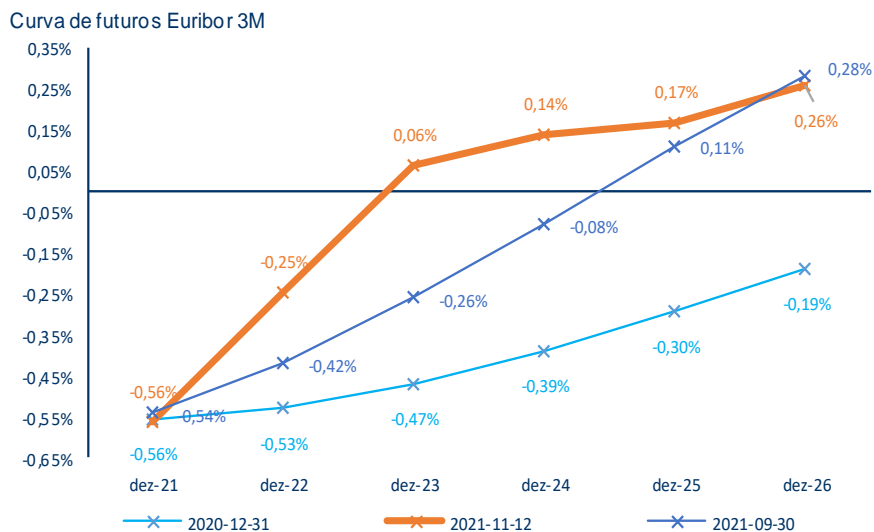
Bancos Centrais. O **Banco Central do México**, pela quarta vez em 2021, aumentou a sua taxa de juro de referência em 25 p.b., fixando-a em 5.0%. A autoridade monetária afirmou que apesar dos choques que aumentaram a inflação, espera que estes sejam transitórios, ainda que tenha sido reiterado um aumento dos riscos ao processo de formação de preços e às expectativas de inflação devido à sua variedade, magnitude e a horizonte temporal alargado.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 12 de novembro às 12h00)

Nos mercados financeiros, a semana ficou marcada por dois momentos distintos, antes e após o anúncio do relatório da inflação norte-americana. Os investidores voltaram a reagir com apreensão à subida dos preços no consumidor para os níveis mais elevados desde 1990, o que desafia o discurso ainda acomodaticio tanto da Reserva Federal, como dos restantes principais bancos centrais. Enquanto os ativos de maior risco terminaram a semana a corrigir ligeiramente, as *yields* das obrigações soberanas e o dólar norte-americano foram beneficiados.

No **mercado monetário**, as taxas de juro Euribor nos principais prazos de referência registaram uma subida, com variações compreendidas entre +0.1 p.b. a 1 mês (-0.566%) e +2.2 p.b. a 12 meses (-0.473%). As *yields* de curto prazo acompanharam assim a tendência de agravamento do segmento de obrigações soberanas. Na curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se uma descida até à maturidade de junho/23, mas um aumento a partir de setembro/23, passando a valores positivos. A

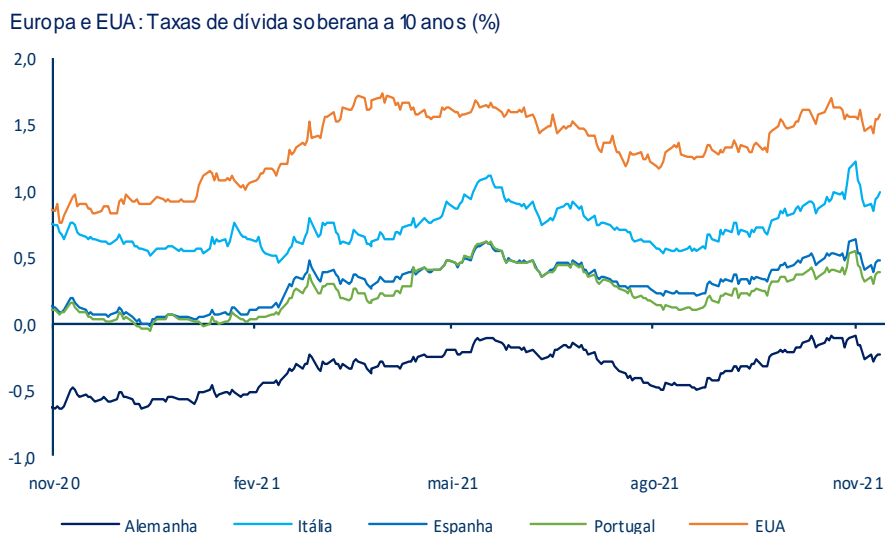
taxa no vencimento de dezembro/2026 fixou-se em +0.265% (+8 p.b.).



As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram a semana com um aumento generalizado, uma inversão face ao movimento de descida iniciada na semana anterior, justificado pelo agravamento dos preços no consumidor nos EUA. O regresso de um cenário de alteração de taxas mais rápido voltou a ser o foco dos investidores.

As maiores variações das taxas de juro, a 10 anos, observaram-se em Itália e na Grécia (+11.0 e +15.0 p.b., para 0.99% e 1.24%). Em Portugal, a taxa fixou-se em 0.39% (+8.0 p.b.), mantendo-se constante o diferencial face a Espanha (+0.47%) em -8.0 p.b. enquanto face à Alemanha (-0.24%), o *spread* alargou marginalmente (+4.4 p.b.) para 63.3 p.b..

Nos EUA, o mercado continua a avaliar a probabilidade do banco central poder antecipar a decisão de subida de taxa diretora tendo em conta os receios de estagflação. A *yield* a 10 anos subiu 12 p.b. desde a divulgação do *CPI* fixando-se em 1.57%, depois de ter atingido 1.44% a meio da semana. A inclinação da curva de rendimentos também se reduziu, com reflexo na variação positiva da *yield* a 2 anos (+14 p.b., para 0.54%).



Após várias semanas de valorização, os **mercados acionistas** encerraram a semana em perda

ligeira, oscilando entre as quedas dos índices norte-americanos e o sentimento misto na Europa. Depois de sucessivos máximos históricos para os quais tem contribuído não só a superação das expectativas quanto à apresentação de resultados, mas também a manutenção de custos de financiamento reduzidos, a semana foi marcada pela realização de mais-valias, ainda que com variações reduzidas, lideradas pelo *Nasdaq* (-1.7%).

Na Europa, o *Eurostoxx600* perdeu 0.3%. Apesar da incerteza e da volatilidade intra-semana, o índice encerrou num novo máximo de sempre (486.75 pontos), liderado pelo *CAC* francês (0.7%) e *DAX* alemão (0.5%). Em sentido contrário, o *MIB* italiano e o *IBEX* espanhol caíram 0.6% e 0.7%, respetivamente. Em termos setoriais, os maiores ganhos verificaram-se nos *recursos naturais* (+3.6%) após fortes subidas nas matérias-primas, e nos *media* (+2.2%). Pela negativa o setor de lazer e viagens caiu 3.9% com novos receios com o ressurgimento de casos associados a COVID-19.

Nos países emergentes, o *MSCI* apreciou 1.4%. Pela positiva o *BIST* da Turquia manteve a tendência de valorização (+3.4%), seguido pelo *Bovespa* brasileiro (+2.6%).

Nos **mercados cambiais**, o *dólar efetivo* reforçou ainda mais a apreciação anual (+0.9%, para +5.8%) depois de divulgada uma taxa de inflação em máximos de 30 anos, o que poderá conduzir a mais do que um incremento das taxas diretas em 2022. O ganho foi de 1.0% face ao *euro* (\$1.145) o valor mais elevado (na perspetiva do dólar) desde julho de 2020.

No que concerne às **matérias-primas**, a cotação do petróleo (*brent*) caiu pela terceira semana (0.7%) com receios de abrandamento do ritmo de recuperação económica e procura mundial. O gás natural desceu 8.9%, marcado pela instabilidade política no Leste europeu, mas favorecido pelo anúncio de aumento de fornecimento de gás pela *Gazprom* (Rússia). De forma inversa, nos metais e produtos agrícolas a tendência foi de valorização (3.0% em média), liderada pelo alumínio (4.7%) e trigo (6.1%).

2. Temas da semana

2.1 Portugal - Indicadores económicos financeiros anuais das empresas (BdP)

O Banco de Portugal (BdP) divulgou esta semana os *Indicadores económico-financeiros* das empresas portuguesas relativos a 2020. A informação, apresentada por atividade económica e por classe de dimensão, é apurada a partir da informação da central de balanços. Esta central contém, desde 2006, os dados contabilísticos provenientes da IES – Informação Empresarial Simplificada. A informação é apresentada por temas: destaques gerais, caracterização, atividade e rentabilidade, liquidez e tesouraria, fluxos de caixa, fontes de financiamento, risco, balanço (estrutura).

Relativamente a 2020, o BdP dá destaque ao seguinte:

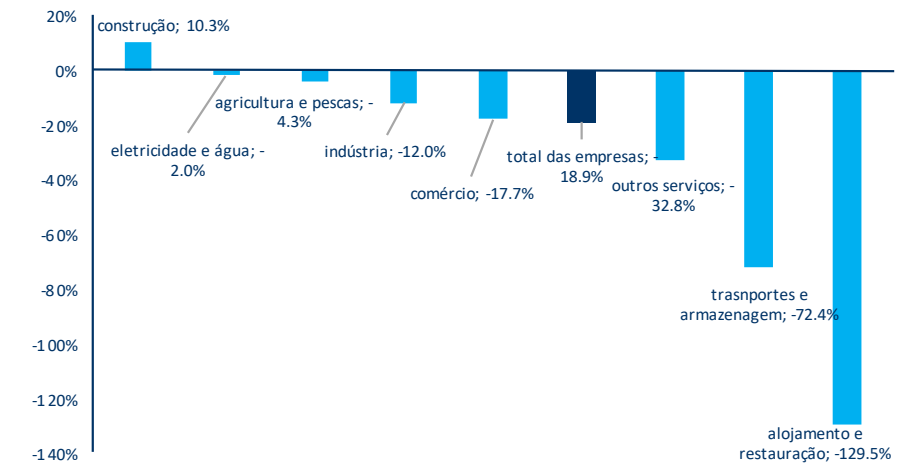
(i) O **volume de** negócios das empresas diminuiu 9.7% em 2020. A diminuição foi transversal à maioria das empresas, embora mais acentuada nos setores mais afetados pela pandemia de COVID-19, nomeadamente no *alojamento e restauração* (-42.5%), nas *atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas* (-35.5%) e nos *transportes e armazenagem* (-24.2%). Ainda assim, em alguns setores, o volume de vendas e serviços prestados aumentou, nomeadamente na construção (3.0%) e nas atividades de informação e comunicação (4.4%).

(ii) Os **resultados das empresas**, medidos antes de amortizações, depreciações, juros e impostos (*EBITDA*) decresceram 18.9% face a 2019.

Por setor de atividade, apenas a *construção* revelou um aumento dos resultados (10.3%). Os setores com quedas de um dígito dos resultados foram os setores da *eletricidade e água* e os setores da

agricultura e pescas. Perdas de dois dígitos foram observadas na *indústria* (-12.0%), no *comércio* (-17.7%) e nos *outros serviços* (-32.8%). Sem surpresas, os destaques mais negativos são as quebras de resultados em dois setores: *transporte e armazenagem* (-72.4%) e *atividades de alojamento e restauração* (-129.5%).

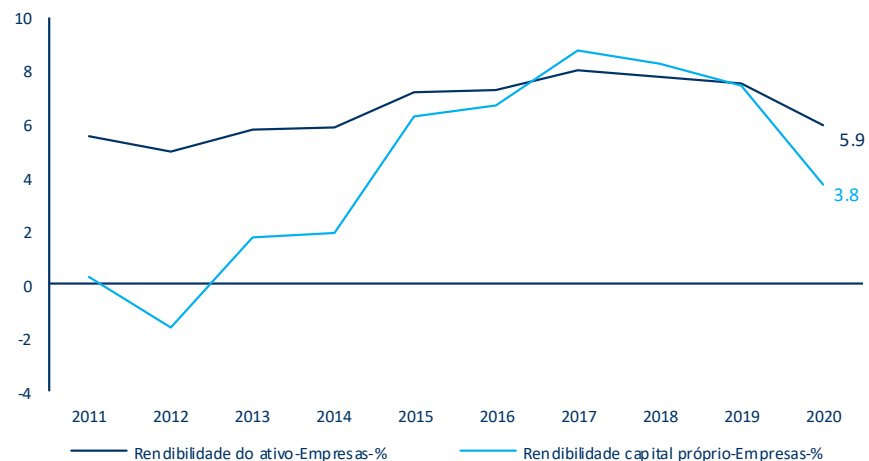
Portugal: Taxa de variação anual do EBITDA, por setor de atividade - 2020



Fonte: Banco de Portugal

(iii) Em 2020, a **rendibilidade do ativo** (rácio entre o EBITDA e o total do ativo) caiu para 5.9% (7.6% em 2019), enquanto a **rendibilidade dos capitais próprios** (rácio entre o resultado líquido e o capital próprio) desceu para 3.8%, metade do valor de 2019. A queda da rendibilidade foi mais acentuada nas empresas dos setores dos *transportes e armazenagem* e do *alojamento e restauração*, que registaram rendibilidades próximas de -20%.

Portugal: Rendibilidade do ativo e rendibilidade dos capitais próprios - Total das empresas



Fonte: Banco de Portugal

(iv) A percentagem de empresas em potencial situação de risco aumentou. Em 2020, 44.5% das empresas apresentaram um **resultado líquido negativo**, mais do que em 2019 (36.9%). O aumento da percentagem de empresas em potencial situação de risco foi mais expressivo no setor do *alojamento e restauração* (neste setor, a percentagem de empresas com resultados líquidos negativos passou de 45.7% em 2019 para 67.3% em 2020). Em adição, 38% das empresas apresentaram um EBITDA negativo (depois de 31.1% em 2019), enquanto para 18.7% das empresas, este mesmo

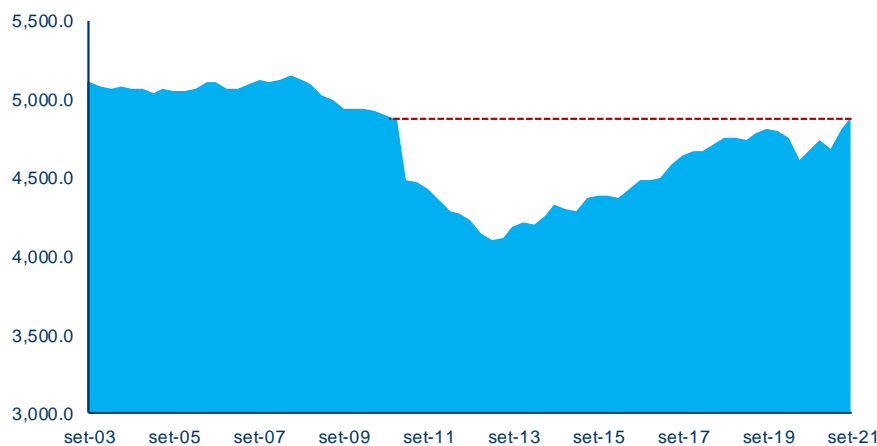
EBITDA gerado não foi suficiente para cobrir os gastos de financiamento (esta percentagem correspondeu a 14.1% em 2019). No que concerne à percentagem de empresas com capital próprio negativo, ou seja, empresas cujo valor do passivo é superior ao valor do ativo, esta revelou um ligeiro incremento ao passar de 25.5% em 2019 para 26.4% em 2020.

(v) Em termos de **autonomia financeira**, apesar da redução de atividade ter sido generalizada aos vários setores, a situação económica das empresas não foi afetada da mesma forma. No seu conjunto, as empresas continuaram a reforçar os capitais próprios e a autonomia financeira (medida pelo peso do capital próprio no balanço), que aumentou para 38.1% em 2020, após 36.5% em 2019. A exceção foram as empresas dos setores de *transportes e armazenagem* e de *alojamento e restauração*, cuja autonomia financeira caiu de 23.3% para 18.6% e de 32.7% para 30.2%, respetivamente.

2.2 Portugal - Estatísticas do Emprego - 3º trimestre de 2021 (INE)

População Empregada. O número de **pessoas com emprego** ascendeu a 4878.1 mil no terceiro trimestre de 2021, mais 1.4% do que no trimestre anterior e 4.7% do que em igual mês do ano passado, valor que corresponde ao mais elevado desde 2010. O incremento do emprego deveu-se principalmente a um maior número de pessoas a *trabalhar por conta própria* - variação trimestral em cadeia foi de 7.6% - bem como de *emprego a tempo inteiro por conta de outrem* (1.2%). Em termos setoriais, o emprego evidenciou uma forte subida nos *Serviços* (2.7% ou 94.2 mil), enquanto no setor da *Indústria* contraiu 3.1% (ou 37.7 mil pessoa). Dentro do primeiro, salienta-se o aumento no *comércio por grosso e a retalho, transporte e armazenagem, e alojamento e restauração*, com um contributo de 30% para a variação total.

Portugal: Emprego Total (milhares)

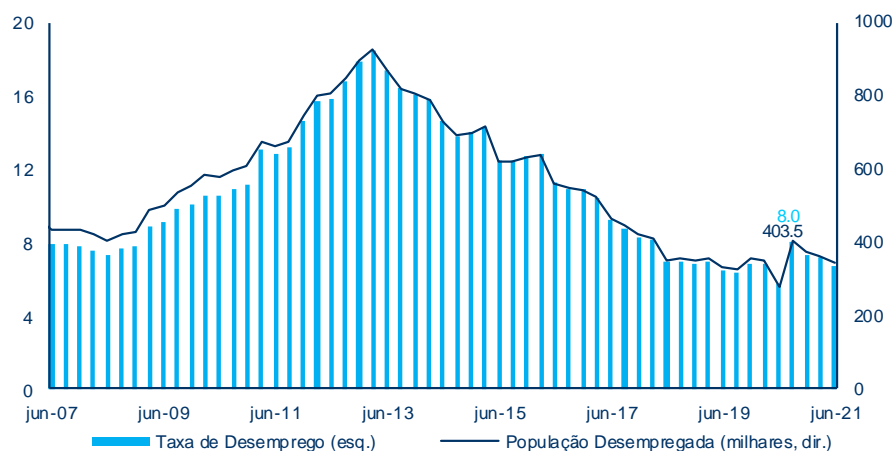


Fonte: INE

População Desempregada. A população desempregada, que correspondeu a 318.7 mil pessoas, diminuiu 7.8% em relação ao trimestre anterior, e 1.5% face ao período homólogo de 2019. Saliente-se que 48.1% dos desempregos se encontram nesta situação há pelo menos 12 meses, tendo este valor aumentado 3.4 p.p. face ao trimestre anterior. A **taxa de desemprego** foi estimada em 6.1%, inferior em 0.6 p.p. em relação ao trimestre anterior, e menos 1.9 p.p. face a 2020. Excluindo o valor de 5.7% no ano anterior, o registo atual da taxa de desemprego corresponde ao mais baixo desde

2003. Em termos homólogos, os maiores decréscimos verificaram-se na AM Lisboa (-2.8 p.p.) e no Algarve (-2.7 p.p.).

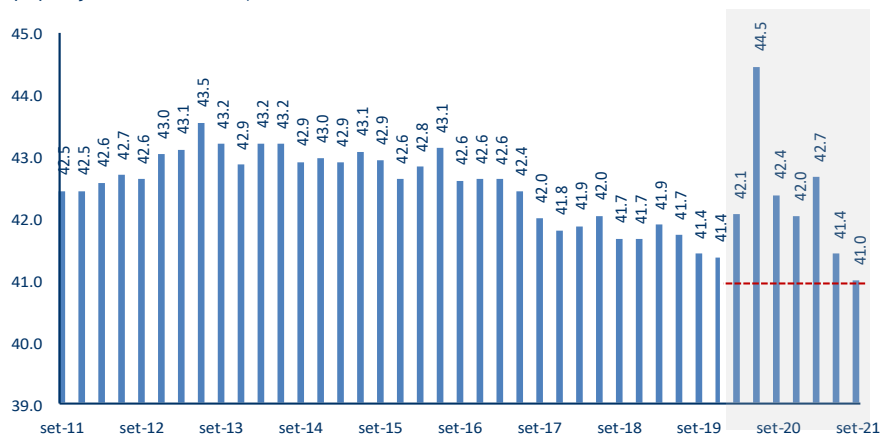
Portugal: Taxa de Desemprego e População Desempregada



Fonte: INE

População Inativa. A população inativa com mais de 16 anos foi de 3612.2 mil pessoas (71.0% da população inativa total) no período em análise diminuindo tanto em termos sequenciais (-0.9% ou -32.9 mil pessoas), como em termos homólogos (-3.0% ou 111.8 mil pessoas). Em termos de fluxos líquidos, registou-se um fluxo positivo da população inativa, tanto para a população desempregada, como para a população empregada. A **taxa de inatividade** (16 anos e mais) registou uma redução de 41.4% para 41.0%, bastante inferior aos 42.4% observados durante o terceiro trimestre do ano passado e do valor registado no trimestre anterior ao início da pandemia.

Portugal: Taxa de inatividade (relação entre a população inativa em idade ativa e a população em idade ativa)

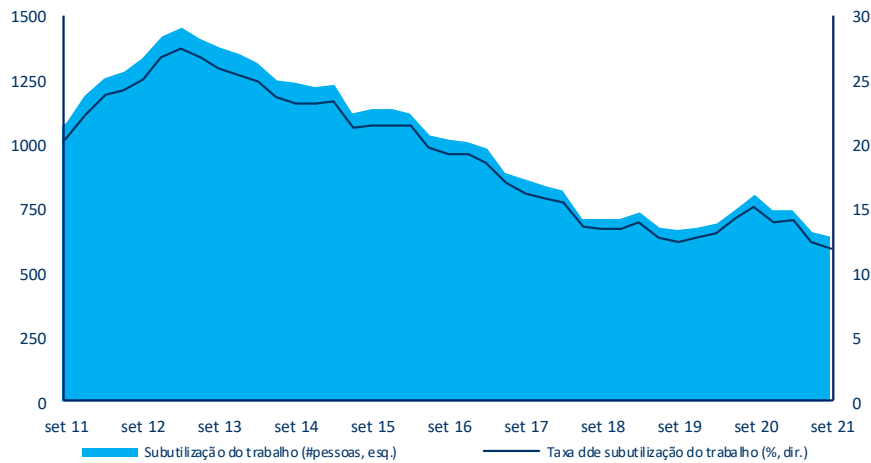


Fonte: INE

Subutilização do trabalho. O indicador que agrega a população desempregada, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial, os inativos à procura de emprego, mas não disponíveis e os inativos disponíveis, mas que não procuram emprego, teve um decréscimo de 1.8% (11.8 mil) em relação ao trimestre anterior e de 20.1% (162.0 mil) relativamente ao trimestre homólogo. Este indicador situou-se abaixo do nível registado antes da pandemia. A **taxa de subutilização do trabalho**, uma medida mais abrangente do que a taxa de desemprego, diminuiu tanto em relação ao trimestre precedente

(0.4 p.p.) como ao homólogo (3.2 p.p.), fixando-se em 11.9%.

Portugal: Subutilização do trabalho



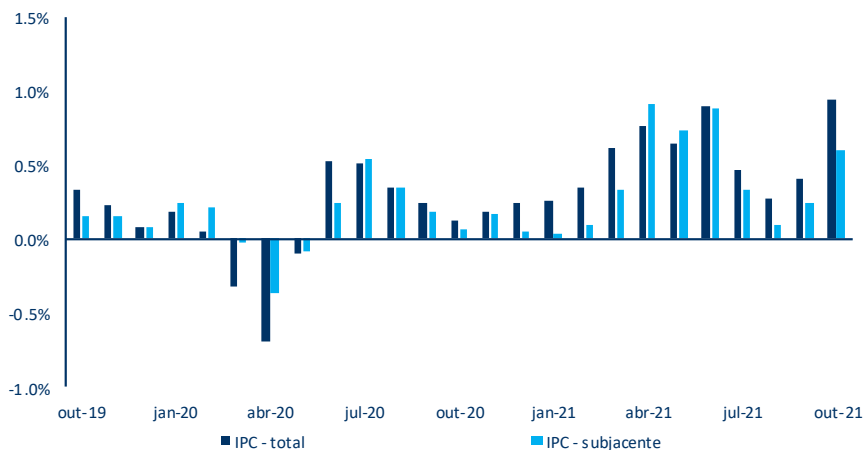
Fonte: INE

O mercado de trabalho português continua a exibir sinais bastante favoráveis de recuperação da atividade económica, tendo superado não só os valores pré-pandemia, como várias métricas atingiram valores não observados há muitos anos. Apesar da confiança dos consumidores continuar abaixo dos níveis pré-pandemia, a melhoria do emprego deverá suportar um aumento do sentimento das famílias, e consequente expansão da procura interna.

2.3 EUA - Índice de preços no consumidor (outubro)

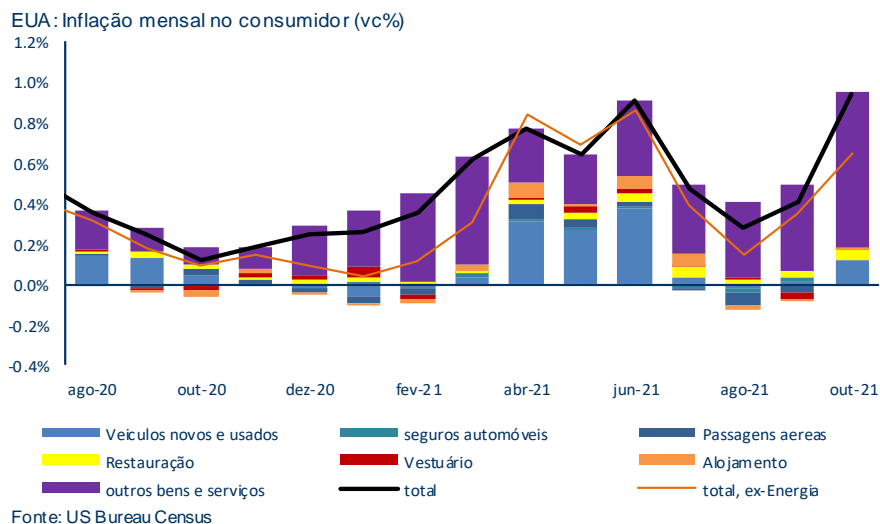
Após três meses em que os valores da variação mensal do índice de preços no consumidor norte-americano revelaram uma normalização, em outubro a variação mensal de 0.9% e 0.6% da inflação total e da componente subjacente constituíram o maior aumento desde junho. Em ambos os casos os valores são bastantes superiores às projeções dos analistas (0.6% e 0.4%). Embora a variação mensal tenha regressado aos valores dos meses da primavera, a constituição em termos dos contributos das componentes varia substancialmente.

EUA: Variação mensal do IPC (vh%)

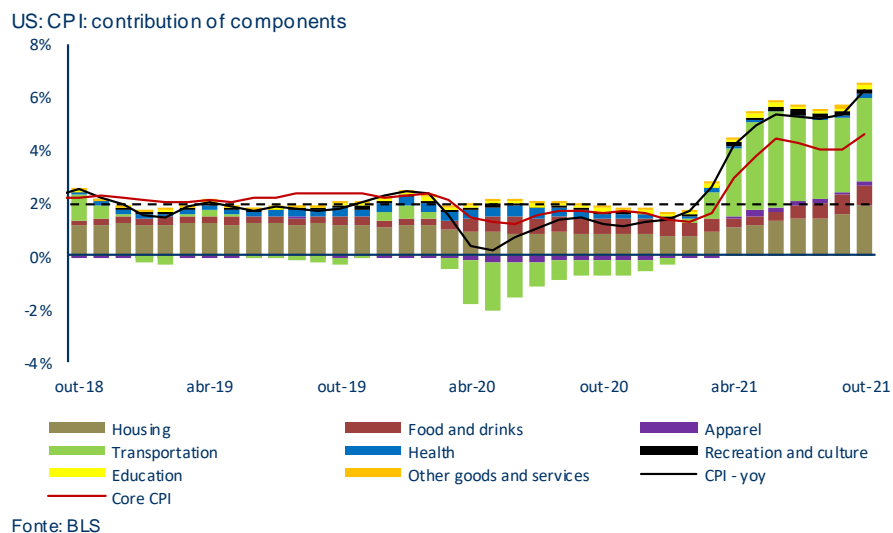


Fonte: US Bureau Census

De facto, constata-se que enquanto na primavera o contributo para o incremento da variação mensal derivou essencialmente das denominadas “categorias de reabertura”, que o Bureau of Labor Statistics classifica como as mais afetadas pela pandemia, em consequência da gradual normalização da conjuntura, agora o contributo principal adveio dos “outros bens e serviços”. Nesse sentido, o resultado do mês de outubro parece revelar uma maior generalização do contributo das restantes categorias. Apesar disso, importa salientar o papel da energia - uma variação de 4.8%, sem a qual a variação mensal teria sido de 0.6%, bem como dos veículos usados (2.5%).



Em termos homólogos, a inflação fixou-se em 6.2%, a leitura mais elevada desde novembro de 1990, após 5.9% em setembro. O contributo dos *transportes* passou de 2.8 para 3.2 p.p., cerca de metade da variação homóloga. As duas restantes componentes cujo contributo subiu foram *Housing* (+0.3 p.p., para 1.9%) e *Food and drinks* (+0.1 p.p., para 0.8%). Em conjunto, estas três componentes justificam 5.9 p.p. da variação total. À semelhança dos meses anteriores, as linhas respeitantes à *alimentação e bebidas* e à *habitação* demonstraram um gradual incremento, sobretudo no segundo caso. No que concerne à variação homóloga da componente subjacente, o valor de 4.6% é o mais elevado desde novembro de 1991.



Os detalhes do relatório revelam que o aumento de 6.1% da gasolina, em termos mensais, constituiu um fator relevante para o incremento da inflação, embora existam igualmente pressões com origem em outras categorias. Ainda em termos mensais, destaque para os 0.7% do *housing*, 0.8% do *food*, 2.5% dos *used cars*, 0.5% do *medical care* e 0.7% do *recreation*.

A inflação deverá aumentar ainda mais nos próximos meses. Não só os futuros do preço do crude são consistentes com contributos da *energy* ainda muito elevados nos próximos meses, como os preços dos carros usados estão de novo a aumentar e os inventários no retalho encontram-se em mínimos históricos, o que trava os descontos sazonais antes do Natal. Na semana passada, no relatório mensal de confiança das PME norte-americanas, divulgado pela Federação Nacional de Empresas Independentes, 53% destas empresas reportaram aumentos dos preços, a maior proporção em 46 anos.

Em termos das perspetivas, há ainda a considerar o contributo do *housing*, rubrica que representa um terço do cabaz de inflação. Dado que a evolução desta componente apresenta sempre um atraso entre 12 a 18 meses relativamente aos preços das casas, cujo índice *Case-Shiller* apresenta variações homólogas na ordem dos 20%, antevê-se que pelo menos durante o próximo ano também esta rubrica contribuirá de forma muito positiva para a inflação norte-americana

As expetativas de inflação continuam a aumentar. O *breakeven inflation* implícito na *yield* do *US Treasury* na maturidade dos 10 anos passou recentemente acima dos 2.7%, a leitura mais elevada desde 2006. Esta medida encontra-se acima dos 3 p.p. até ao vencimento dos 6 anos, inclusive.

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 12 de novembro às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	29-out-21	5-nov-21	12-nov-21	2021 YTD	Novembro	Semana	
EURIBOR Act/360 dias								
1 mês	-0,554	-0,557	-0,567	-0,566	↓ -0,012	↓ -0,009	↑ 0,001	
3 Meses	-0,545	-0,553	-0,567	-0,562	↓ -0,017	↓ -0,009	↑ 0,005	
6 Meses	-0,526	-0,527	-0,536	-0,533	↓ -0,007	↓ -0,006	↑ 0,003	
12 Meses	-0,499	-0,455	-0,495	-0,473	↑ 0,026	↓ -0,018	↑ 0,022	
LIBOR USD Act/360 dias								
LIB 1 mês	0,144	0,088	0,089	0,089	↓ -0,055	↑ 0,002	↑ 0,001	
LIB 3 meses	0,238	0,132	0,143	0,154	↓ -0,084	↑ 0,022	↓ 0,012	
LIB 6 meses	0,258	0,201	0,221	0,220	↓ -0,038	↑ 0,019	↓ -0,001	
LIB 12 meses	0,342	0,361	0,358	0,354	↑ 0,012	↓ -0,007	↓ -0,004	

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	29-out-21	5-nov-21	12-nov-21	2021 YTD	Novembro	Semana	
Portugal	0,030	0,520	0,309	0,391	↑ 0,361	↓ -0,129	↑ 0,082	
Espanha	0,047	0,609	0,401	0,474	↑ 0,427	↓ -0,135	↑ 0,073	
Grécia	0,628	1,327	1,089	1,243	↑ 0,615	↓ -0,084	↑ 0,154	
Itália	0,543	1,170	0,877	0,987	↑ 0,444	↓ -0,183	↑ 0,110	
França	-0,338	0,270	0,062	0,119	↑ 0,457	↓ -0,151	↑ 0,057	
Alemanha	-0,569	-0,106	-0,280	-0,242	↑ 0,327	↓ -0,136	↑ 0,038	
Reino Unido	0,197	1,034	0,845	0,913	↑ 0,716	↓ -0,121	↑ 0,068	
Suíça	-0,550	-0,034	-0,205	-0,115	↑ 0,435	↓ -0,081	↑ 0,090	
EUA	0,913	1,552	1,451	1,570	↑ 0,657	↑ 0,018	↑ 0,119	
Japão	0,021	0,099	0,060	0,076	↑ 0,055	↓ -0,023	↑ 0,016	

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	29-out-21	5-nov-21	12-nov-21	2021 YTD	Novembro	Semana	
Eurostoxx 600	399	476	483	486	↑ 21,8%	↑ 2,2%	↑ 0,5%	
IBEX	8074	9058	9131	9068	↑ 12,3%	↑ 0,1%	↓ -0,7%	
CAC	5551	6830	7041	7087	↑ 27,7%	↑ 3,8%	↑ 0,7%	
DAX	13719	15689	16054	16113	↑ 17,5%	↑ 2,7%	↑ 0,4%	
FTSE	6461	7238	7304	7360	↑ 13,9%	↑ 1,7%	↑ 0,8%	
PSI20	4898	5732	5645	5715	↑ 16,7%	↓ -0,3%	↑ 1,2%	
S&P 500	3756	4605	4698	4649	↑ 23,8%	↑ 1,0%	↓ -1,0%	
Nasdaq	12888	15498	15972	15704	↑ 21,8%	↑ 1,3%	↓ -1,7%	
Topix	1805	2001	2041	2041	↑ 13,1%	↑ 2,0%	↓ 0,0%	
MSCI Emerg	1291	1265	1264	1281	↓ -0,8%	↑ 1,3%	↑ 1,4%	
Shanghai	3473	3547	3492	3539	↑ 1,9%	↓ -0,2%	↑ 1,4%	

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	29-out-21	5-nov-21	12-nov-21	2021 YTD	Novembro	Semana	
EUR/USD	1,2216	1,1558	1,1567	1,1450	↓ -6,3%	↓ -0,9%	↓ -1,0%	
EUR/JPY	126,18	131,77	131,19	130,58	↑ 3,5%	↓ -0,9%	↓ -0,5%	
EUR/GBP	0,8937	0,8446	0,8570	0,8548	↓ -4,4%	↑ 1,2%	↓ -0,3%	
EUR/CHF	1,0812	1,0584	1,0553	1,0568	↓ -2,3%	↓ -0,1%	↓ 0,1%	
EUR/AOA	795,17	697,17	698,12	691,90	↓ -13,0%	↓ -0,8%	↓ -0,9%	
EUR/MZN	91,50	73,99	74,02	73,14	↓ -20,1%	↓ -1,1%	↓ -1,2%	
Petróleo (Brent \$)	51,17	83,92	82,50	81,93	↑ 60,1%	↓ -2,4%	↓ -0,7%	
Ouro (\$)	1898,36	1783,38	1818,36	1850,23	↓ -2,5%	↑ 3,7%	↑ 1,8%	
Prata (\$)	26,40	23,90	24,16	24,98	↓ -5,4%	↑ 4,5%	↑ 3,4%	
Cobre (\$)	3,52	4,37	4,34	4,38	↑ 24,6%	↑ 0,4%	↑ 1,0%	
Soja (\$)	1315,25	1235,75	1192,25	1212,25	↓ -7,8%	↓ -1,9%	↑ 1,7%	
Milho (\$)	484,00	568,25	553,00	569,50	↑ 17,7%	↑ 0,2%	↑ 3,0%	

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.